

Viajantes do Céu Cotidiano de Padres Imigrantes no Nordeste (1960-1970)¹

Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro *

Introdução

Há diversos caminhos que possibilitam revisitar o passado. Muitas perguntas com as quais podemos interrogá-lo. Perplexidades que este nos coloca. Caminhos, perguntas e perplexidades estão imbricadas ao presente, à história vivida, às formas como as relações sociais, políticas, culturais e econômicas se constroem e se transformam. A produção do real nesse final de milênio institui um presente sem distâncias geográficas em que o tempo é medido pela velocidade.(VIRILIO, 1984.) No entanto, esse tempo velocidade carrega marcas de permanências e de rupturas que se recriam de diferentes formas. Em busca dessas marcas e na sua análise é que trabalharemos neste artigo.(GAGNEBIN, 1997)

A partir da história de vida de cinco padres católicos que, entre o final da década de 1950 e 1960, migraram para o Brasil e se estabeleceram no Nordeste, construiremos algumas análises acerca de memórias que reconstroem de suas vidas junto a diversos grupos do meio rural e urbano. Sobreretudo aspectos culturais, políticos e sociais que vivenciaram. Privilegiamos as experiências no meio rural, reconstruindo o contexto da época em que chegam ao Brasil e a relação que estabelecem com uma sociedade completamente distinta da em que nasceram e foram educados.

Uma parte das motivações que nos levaram a estudar este tema está relacionada ao presente. À violência, à guerra contra os trabalhadores rurais pobres e sem terra. Todavia, poder-se-ia considerar o tempo histórico que separa o presente (início do século XXI) e a ação de padres católicos imigrantes junto aos trabalhadores rurais nos anos 1950/1960, objeto central de nossa análise, bastante reduzido, quando avaliado em termos de mudanças ou transformações históricas. Ao analisar as contradições e conflitos, sobretudo por questões de terra que se colocavam no passado - década de 50/60 -, surpreende redescobri-los quarenta anos depois. Essa permanência é de certa forma, um choque ao historiador que se volta à história das lutas no campo daquele período. (LESSA, 1985.)

¹ Este artigo foi realizado a partir do Projeto de Pesquisa “Guerreiros do Além Mar” apoiado pelo CNPq e depois pela CAPES numa bolsa de Pós Doutorado.

* UFPE.

Por outro lado, fortes sentimentos estão presentes e motivam esta escrita: uma enorme alegria e tristeza ao ler nos jornais ou mesmo assistir, próximo ao local onde moro, em Recife, à luta dos trabalhadores sem terra. (A duas quadras de onde resido, fica localizada a sede regional do Incra, onde freqüentemente o MST promove acampamentos, para pressionar o governo a cumprir promessas constantemente adiadas). Alegria pela resistência, pela coragem ou mesmo pelo desespero heróico como estes trabalhadores enfrentam as diversas formas de violência. Alegria de perceber que eles não se reconhecem mais apenas como pedintes ou miseráveis nas periferias das cidades. Tristeza incomensurável por compreender que essa é uma história de guerra, de violência, de assassinatos de homens, mulheres e crianças trabalhadoras que se contam às centenas.(CORRÊA, 1997)ⁱ

Uma outra dimensão que despertou nosso interesse em estudar esse tema resultou do fato de a Igreja Católica, no Brasil, ter apoiado o golpe militar de 1964; no entanto, basicamente a partir de 1968, irá constituir-se lentamente em um pólo de resistência ao regime. (BRUNEAU, 1974. p.27) No interior dessa transformação, vamos assistir diversos padres, bispos, freiras, irmãs e leigos serem perseguidos como comunistas, alguns, presos, outros, torturados, alguns, mortos, além daqueles que foram expulsos. Diante desse quadro de disputa e acirramento nas relações entre Igreja e Estado, nosso interesse estava voltado também para estudar, a partir das práticas cotidianas, como foi construída essa mudança de posição da igreja.

Tabela 1

Relação de Bispos, Padres, Religiosos (as) e Leigos assassinados.
 1969 – Padre Antonio Henrique Neto.
 1972 – Seminarista W. Bolzan.
 1976 - Padre J. B. Penido Burnier.
 Padre R. Lukembein.
 Padre ^a Pierobon.

Tabela 2

	Caluniados	Presos	Torturados	Assassinados	Desaparecidos /sequestrados	Expulsos do País
Total	107	488	31	5	11	28
Bispos	28	11	2	-	1	---
Padres	27	185	23	4	1	25
Relgiosos (as)	12	19	1	1	1	2
Leigos	12	273	5	---	8	1
Grupos Organizados	14	----	----	---	---	---

(Obs. As tabelas 1 e 2 foram copiadas do livro Cry of the People de Penny Lernoux. Doubleday & Company, Inc., Garden City. New York, 1980. Pag.(s) 464/466.)

Os livros de Bruneau e Scott já haviam explorado bastante todo o processo institucional de como a Igreja irá transformar sua posição em relação ao regime militar. Scott, inclusive, analisa que em grande parte dos países da América Latina, onde as ditaduras militares se estabeleceram, o clero progressista não consegue o apoio, no interior da própria instituição, dos setores moderados e conservadores. No Brasil, entretanto, quer pela habilidade do setor progressista da Igreja, ou pela forma autoritária e repressora como o regime passa a tratar indiscriminadamente padres, bispos e freiras, o que se observa é que ela, enquanto Instituição, irá lentamente retirar todo o apoio ao regime, o que irá definitivamente se materializar a partir de 1970.(SCOTT, 1989. p. 193/195)

Privilegiamos analisar neste artigo algumas memórias reconstruídas por esses padres nas suas relações com as comunidades rurais e seus trabalhadores. O interesse pelo estudo da memória desses padres decorre, em parte, do fato de que eles imigram para o Brasil a partir de uma convocação papal no sentido de combater o comunismo; com o passar dos anos, uma parcela passa a ser perseguida como comunista. Esse fato era, no início da pesquisa, um dos pontos centrais que desejávamos analisar. Mas outras questões estavam também associadas e relacionavam-se sobretudo ao presente. Estávamos ainda interessados em analisar por que os camponeses, em 1964, não reagiram ao golpe, embora alguns acreditassem que os mesmos não aceitariam passivamente qualquer medida dessa ordem. Mas o golpe ocorreu, e nenhum tipo de reação ampla foi esboçado naquele momento.

No entanto, a partir da organização do MST,(IOKOI, 1996) embora venham sendo assassinados às centenas, o movimento de resistência e luta pela terra parece não recuar. Nesse sentido, passamos a documentar, através de entrevistas de história de vida, a forma de atuação desses padres no trabalho cotidiano com trabalhadores e trabalhadoras rurais. Alguns sinais revelam uma certa influência deles na mudança de comportamento dos trabalhadores rurais nas décadas recentes.

À medida que passamos a estudar a atuação dos padres católicos nas décadas de 1950/1960 no nordeste do Brasil, a documentação oral e escrita revelou outras trilhas através das quais foi sendo criada naquele período uma verdadeira cruzada contra o comunismo, a qual unia as classes médias e as elites econômicas e políticas do Brasil, associadas à política externa Americana, à Igreja Católica e ao aparato militar.

Logo, antes de mergulharmos numa análise mais detida das memórias desses padres, procuraremos situar alguns elementos da conjuntura política nacional e aspectos da estratégia norte-americana em relação ao Brasil entre o final da década de 1950 e 1960. Observa-se como no Brasil se estabelecerá uma ampla aliança entre as elites econômicas e políticas e

como elas buscarão o apoio do Governo dos Estados Unidos e da Igreja Católica, para fazer face à possível comunização do Brasil.

O Preço da Guerra Fria

Analisar a história política, econômica e cultural, entre o fim da década de 1950 e 1960, remete, entre outros caminhos, à problemática da guerra fria. O mundo dividido em dois blocos. No entanto, essa dualidade excludente não se resumia apenas ao plano político e econômico, mas permeava sobretudo as formas de pensamento, de sentir e de agir. O universo da cultura. Estava-se a favor ou contra um dos dois modelos. E, nas diversas relações em sociedade, esse modelo encontrava-se muitas e muitas vezes presente. O difícil, ou praticamente impossível, era estabelecer uma terceira via. (Lukacs, 1966)

Entretanto, se esse foi um modelo que se estabeleceu e se ampliou após a segunda guerra mundial, tendo os Estados Unidos como símbolo do mundo capitalista e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, do mundo comunista, em relação à América Latina, a ascensão de Fidel Castro em Cuba acirrará ainda mais as disputas nesse cenário. (Anderson, 1997)

À medida que, ao longo dos anos 60, o diálogo entre Estados Unidos e Cuba se interrompe, e esta faz uma opção pelo regime comunista, o temor de que os demais países latino-americanos seguissem a mesma orientação torna-se uma preocupação central da política externa americana. Em relação ao Brasil, todo esse cenário adquire dimensões ainda mais alarmantes na medida em que a Embaixada dos Estados Unidos, o jornal The New York Times e o National Broadcasting Company descobrem o marxista Francisco Julião e o movimento das Ligas Camponesas. (ROBOCK, 1963. p.140)

A necessidade de rever a política externa norte-americana em relação à América Latina vinha sendo alvo de preocupações desde as primeiras medidas de nacionalização de companhias americanas no final da década de 1950. Por outro lado, a viagem de Nixon, então vice-presidente de Eisenhower e futuro candidato à sucessão em 1960, a diversos países da América Latina deixa alarmados muitos empresários americanos. As manifestações antiamericanas em diversos países visitados por Nixon é mais um elemento da necessidade urgente de rever essa política. Para alguns setores, começava a colocar-se a necessidade de a política norte-americana não se preocupar apenas com a garantia da remessa dos lucros de suas empresas. Era necessário pensar também em que condições viviam as populações que trabalhavam nessas empresas. (SELSER, 1964, 43/44)

No entanto, a característica marcante da política externa americana em relação à América Latina era a de que o governo americano já prestava suficiente ajuda. O que deveria ser tentado era atrair o competitivo capital privado para realizar novos investimentos. Por outro lado, há também, por parte do governo Eisenhower, uma preocupação em tornar a Organização dos Estados Americanos um órgão mais atuante. (ROGERS, 1967)

A Igreja Católica e a Conjuntura Mundial:

Mas, não são apenas os Estados Unidos que passam a pensar e planejar novas formas de relação com a América Latina em face do fantasma comunista. Também a Igreja Católica receia que o avanço comunista (no continente) e sobretudo a pregação marxista de que "a religião é o ópio do povo" fizessem com que ela perdesse definitivamente a hegemonia no continente.

Na década de 1950, mais propriamente em 1957, o Papa Pio XII já convocava os padres europeus, através da Encíclica "Fidei Donum", a ajudar os países africanos. Há, por parte do papa, um grande receio de que, em face do reduzido número de padres naquele continente, o mesmo fosse subsumido pelo comunismo. Este movimento em relação à África se estendeu a outros continentes. Alguns padres que imigraram para o Brasil nesse período, atendem a essa convocação papal. Muitos passam a ser conhecidos como padres de "Fidei Donum". Tornara-se conhecida no meio eclesiástico a observação do Papa Pio XI de que a Igreja perdera no século XIX a classe operária. Nesse sentido, Pio XII também manifestava a mesma preocupação. (ALVES, 1968, p. 68) No Brasil, tornou-se uma referência para alguns setores a preocupação do Padre Júlio Maria, no final do século XIX, com o fato de a Igreja estar sempre em sintonia com os interesses da classe dominante da sociedade. (MARIA, 1950) Na década de 1950, um dos primeiros bispos a manifestar preocupação com a postura da Igreja em relação aos trabalhadores rurais teria sido o bispo de Campanha, Minas Gerais, Dom Inocêncio Enge.

O Papa João XXIII, que sucede Pio XII em 1958, irá reforçar o convite à colaboração do clero de alguns países em que ele existe em número significativo, tendo em vista a necessidade de socorrer a Igreja da América Latina, numa cruzada contra o comunismo, o protestantismo e o espiritismo.

No entanto, a Igreja Católica, no Brasil, sempre se ressentiu da falta de padres. Nesse sentido, a presença de padres que imigram de outros países para auxiliar o clero brasileiro é uma constante na história da igreja do Brasil. Tomando como referência os anos de

1964/1970/1980, pode-se ter uma pequena amostra da presença significativa de padres imigrantes no clero do Brasil.

Tabela 3

1964	1970	1980
Total de Padres Brasileiros: 7.263	Total de Padres Brasileiros: 7.654	Total de Padres Brasileiros: 7.653
Total de Padres Imigrantes: 5.326	Total de Padres Imigrantes: 5.438	Total de Padres Imigrantes: 5.035
Total: 12.589	Total: 13.092	Total: 12.688

Fonte: CERIS – Departamento de Estatística.

Nordeste: Além das Fronteiras Geográficas

A constante preocupação com o perigo do avanço comunista no Nordeste, presente tanto na classe dominante regional como na do resto do País, na Igreja Católica e por parte do governo dos Estados Unidos, foi sendo construída através de muitos elementos.

A enorme pobreza da região e a ausência de projetos que revertissem esse quadro podem ser tidas como um dos elementos que passaram a ser considerados como fator preponderante para agudizar esse cenário, principalmente pelo governo dos Estados Unidos. Em 1946, quando Josué de Castro publica Geografia da Fome, tornando público o debate da fome em vários continentes, irá revelar com muitos detalhes o problema do Nordeste, principalmente na zona da mata e no sertão. (Castro, 1987)

Na literatura, muitos livros irão revelar o drama de muitos nordestinos; entre eles, os clássicos Vidas Secas, de Graciliano Ramos, e a Bagaceira, de José Américo. Na década de 1950, o Poeta João Cabral de Melo irá escrever diversos poemas que retratam as condições de vida do trabalhador da cana, bem como as do sertanejo. No livro "Dois parlamentos", retrata Pernambuco através dos poemas "Congresso no Polígono das Secas" e "Festa na casa-grande".

Por outro lado, as condições de vida e trabalho dos setores populares do Nordeste passaram a ser consideradas – principalmente após o êxito da revolução cubana – como um fator que favorecia o avanço comunista. Associava-se a esse quadro a crescente organização dos trabalhadores rurais através das Ligas Camponesas. (AZEVEDO, 1985)

Após a posse do Presidente Kennedy, em 1962, prevalecerá uma orientação de política externa para a América Latina centrada na perspectiva de que a melhor estratégia de combate ao comunismo é realizar reformas que retirem da extrema pobreza essa população. Logo após sua posse, em março de 1962, Kennedy convida os embaixadores latino-americanos para uma cerimônia na Casa Branca e apresenta as linhas gerais do que viria a ser a Aliança Para o

Progresso. Em agosto deste mesmo ano, realiza-se em Punta del Este um encontro do governo dos Estados Unidos com representantes de todos os Países latino-americanos para a apresentação, discussão e assinatura deste programa. A única voz discordante e crítica à Aliança será a do representante de Cuba, Che Guevara para quem o objetivo do citado Programa era enfraquecer a liderança de Cuba no continente.

No entanto, um mês após esse encontro, ocorre a tentativa fracassada de invasão de Cuba através da Baía de Porcos, com o apoio da CIA. Alguns críticos passam a argumentar que a Aliança Para o Progresso e a CIA trabalham em conjunto.(LEVINSON, 1970)

No final da década de 1970, o problema da ameaça comunista no continente latino-americano não é mais considerado uma ameaça, e o programa é lentamente desativado. Para alguns autores, a Aliança Para o Progresso resultou num grande fracasso, em parte por ter sido desenvolvido em parceria com as elites econômicas e políticas da América Latina, que não estavam dispostas a espontaneamente realizar qualquer reforma social, política, cultural ou econômica. (ROETT, 1972) Entretanto, se esse aspecto fica de certa maneira subtendido em livros, como nos de Jerome Levinson e Juan Onís, de Joseph Page ou mesmo de William Rogers, uma outra dimensão é a forma como ele contribuiu para fortalecer o poder das elites tradicionais, como analisa Riordan Roett.ⁱⁱ(ROETT, op. cit. ps. 14/15)

Outros Brasis

Pensar o Brasil e a América Latina, na década de 1960, no contexto da guerra fria e no pós-revolução Cubana, é reconstruir um tempo em que a possibilidade do domínio comunista tornava-se uma grande ameaça, principalmente para sociedades em que as desigualdades sociais constituíam-se numa marca dominante. Para alguns setores da política externa americana, a sociedade latino-americana era exemplo da falta de competência das elites em se modernizarem, como fizeram os Estados Unidos. Urgia realizar reformas, pois a propaganda comunista trabalhava a partir da insatisfação popular. (ROGERS, Ibidem. p. 13)

Será também nessa perspectiva de receio ou, mais propriamente, temor do avanço comunista no continente que se realizará nesse período a imigração de padres da Europa, dos Estados Unidos e do Canadá.

Um primeiro movimento de reflexão sobre todo esse conjunto de práticas históricas tão marcantes naquele período é procurar desnaturalizar esse processo. Em outros termos, pensar o que faz uma nação e uma instituição decidirem que podem intervir na história, na vida, nas disputas internas de outras sociedades. Deve-se, ainda, destacar, como forma de intervenção a estratégia dos Estados Unidos no contexto da guerra fria de disputar o controle

político, através da criação do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), em 1959. Com o objetivo de defender a democracia, estabeleceu vínculos com políticos, jornalistas, militares, estudantes e grupos de operários. Em 1962, o IBAD cria duas subsidiárias: a Ação Democrática Popular (ADEP), que atendia às campanhas eleitorais, e a Incrementadora de Venda Promotion, que atuava como agente de publicidade dos candidatos. O IBAD e a ADEP ganharam notoriedade quando, em 1962, financiaram a campanha de 250 deputados federais, 15 senadores, 600 deputados estaduais, 8 candidatos a governador e um número indefinido de prefeitos. Foram gastos, para financiar esses candidatos, 5 bilhões de cruzeiros, o equivalente a U.S.\$ 12.500.000 (Doze milhões e quinhentos mil dólares). Este fato, denunciado pela oposição, transformou-se num grande escândalo, e foi então criada uma Comissão de Inquérito, em 1963, cujos trabalhos foram interrompidos com o golpe de 1964. (BLACK, 1977. p. 11) Entretanto, há de se pensar que os EUA só intervieram através da Aliança Para o Progresso, do IBAD e da CIA no Continente latino- americano e no Brasil, assim como a própria Igreja, porque seus planos foram negociados e atendiam aos interesses de parcela significativa da classe dominante e da classe política. Em outros termos, os valores, os princípios, as visões de mundo de uma parcela da elite brasileira foram inteiramente subsumidos pelo modelo projetado pelos EUA e pela Igreja. Cuba foi a única nação a romper com esse alinhamento, talvez porque já havia aderido ao bloco comunista tinha força para manter esta posição.

Em outros termos, a forma de relação que os Estados Unidos e a Igreja Católica estabelecem com o Brasil nesse período, embora possa ter um caráter de intervenção na disputa política que, então, se desenhou, foi resultado sobretudo de uma negociação política entre eles e os setores que detêm um maior controle econômico e político. Por outro lado, descobre-se uma visão, por parte do governo dos Estados Unidos, bem como da Igreja Católica, de que é natural, ou mesmo um direito, eles intervirem em outros países. Duas observações de fontes inteiramente distintas ajudam a apreender o imaginário que predomina, e que, de certa forma oferece suporte a ações e programas como a Aliança Para o Progresso, o IBAD e a CIA como também ao da Igreja Católica. Os autores Victor Marchetti e John D. Marks, em seu livro “The CIA and the Cult of Intelligence”, registram: “Nos altos escalões da comunidade de inteligência não existia nenhuma percepção de que intervir em outros países não era um direito inerente aos Estados Unidos.”(MARCHETTI, 1974. p. XIX) Dessa forma, muitos países são considerados pelo governo dos Estados Unidos como incapazes de administrarem sua própria história ou de terem o direito de realizar opções políticas, econômicas, culturais que rompam com o modelo imposto pelos países ricos. Os princípios de

superioridade social, cultural e econômica que, em última instância, informavam as práticas do Imperialismo tão caro à Inglaterra, à Alemanha, à França, entre o final do século XIX e o início do século XX passam a ser adotados amplamente pelo governo americano à medida que a guerra fria recrudescia. (HOBSBAWM, 1995)

Numa mesma linha de raciocínio dos autores Victor Marchetti e John D. Marks estaria Padre Jaime, ao afirmar: “Hoje sou de opinião que a importação de padres para o Brasil só prejudica a Igreja, pois termina por adiar a necessidade de ela resolver seus próprios problemas.” (Entrevista com o Padre Jaime de Boer para o Projeto Guerreiros do Além-Mar.) Reconhece ainda como a vinda desses padres para o Brasil adia ou dificulta o enfrentamento dos problemas da estrutura da Igreja Católica no Brasil.

Apesar de toda a pressão política e econômica de que o Brasil, a América Latina e mesmo outros continentes eram alvo naquele período, ocorreram tentativas do governo do Brasil de construir uma terceira via, que caminhasse independente de uma filiação automática a um dos blocos. Juscelino Kubichek defendia uma via independente para a América Latina, e mesmo Jânio tinha, de alguma forma, também sinalizado nessa direção. Entretanto, para a consolidação dessa política, era necessário, além do apoio interno dos grupos dominantes, econômicos e políticos, o apoio de uma parcela dos demais países latino-americanos. No entanto, a classe dominante vinha crescentemente tendo uma enorme dependência econômica dos USA; e o mesmo também se deu em relação a uma parcela da classe política. Desde o final da década de 1950, muitos deputados estaduais, federais e governadores recebiam dinheiro dos Estados Unidos para suas campanhas. (STORRS, 1973)

O apoio dos Estados Unidos foi mais uma referência de sustentação para os setores que lideraram o golpe militar de 1964. Também a Igreja, enquanto instituição, esteve ao lado do golpe e, de certa forma, a ala mais progressista foi afastada das posições de direção na CNBB. (SCOTT, *Ibidem*. p. 103)

Entretanto, mesmo oficialmente prevalecendo por parte da Igreja uma orientação institucional de apoio ao golpe, havia um trabalho cotidiano junto às populações rurais e urbanas que transcendia as posições oficiais. Por outro lado, há de se convir que a Igreja Católica, no Nordeste, desde o final da década de 1950, entrara na disputa com as Ligas Camponesas e o Partido Comunista pela hegemonia da orientação dos sindicatos rurais. (PAGE, *Ibidem*. p. 185/187)

É nesse quadro complexo que lentamente irá sendo desenvolvido no meio rural – e também urbanoⁱⁱⁱ - um trabalho religioso de construção da cidadania através do trabalho cotidiano de muitos padres. Privilegiamos os padres vindos de outros países porque eles

viverão uma experiência histórica singular, ao serem enviados oficialmente para combater o comunismo; no entanto, o trabalho missionário que muitos realizam, passa a ser considerado subversão e, por extensão, muitos serão acusados e perseguidos como comunistas.

Em parte, a identificação deles com os trabalhadores rurais e suas questões poderia ser associada ao fato de que aceitaram muitas vezes vir trabalhar em Dioceses em que prevalecia uma orientação religiosa de compromisso com as camadas populares. Entretanto, há de se reconhecer a abertura destes em assumirem a linha de trabalho definida, quando necessariamente não tinham aquela visão eclesial. As experiências do Padre Servat e de Dom Xavier ilustram claramente essa dualidade. Servat vinha a convite de D. Hélder, com quem teve um primeiro encontro em Roma durante o Concílio Vaticano II. Este, na oportunidade, lhe passou um texto que, em linhas gerais, afirmava: “Quero o despertar e a atuação do laicato cristão no momento histórico em que vive o Nordeste, ou seja, uma presença da Igreja não somente do tipo sindical, mas acompanhado, através do Evangelho, as pessoas engajadas nas diversas lutas para a transformação da sociedade.” (Entrevista com o Padre J. Servat para o Projeto Guerreiros do Além Mar) Dessa forma, Servat, ao aceitar o convite, tinha a dimensão do seu papel, da função que exerceria. Inteiramente diversa será a história vivenciadas por Dom Xavier, ao chegar no Maranhão, em 1963, e ter seu primeiro encontro com o bispo auxiliar, Dom Fragozo: “Na oportunidade em que nos recebeu, fez o seguinte comentário: - “Xavier, nós pedimos um padre para o mundo operário. Tínhamos necessidade de um padre que viesse do mundo operário. Tu não vens do mundo operário, tu não conheces o mundo operário. Precisávamos de um padre maranhense, mas não o temos, e tu não sabes nada do Maranhão.” “Em seguida apresentou-me a uma moça que estava ao nosso lado e disse: - Estás vendo essa moça. Ela faz parte de uma pequena equipe de jovens trabalhadoras. Elas vão te ensinar tua tarefa sacerdotal, tua profissão de padre.” O choque desse primeiro contacto marca Xavier de uma maneira muito intensa. Dom Fragozo declara seu desapontamento com o fato de ter recebido um padre que não atende às necessidades daquela diocese. Por outro lado, desqualifica seu saber de padre, ao afirmar que uma jovem e um grupo de jovens trabalhadoras lhe ensinariam ‘a profissão de padre’. O impacto desse primeiro desafio ficou marcado na memória e, ao revisitar e reavaliar aquele período, afirma: “Foi um choque para mim o bispo me dar como mestres os jovens trabalhadores da periferia”. (Entrevista com Dom Xavier Gilles para o Projeto Guerreiros do Além Mar)

No entanto, em outros casos se poderia relacionar a própria origem social destes como um outro elemento que contribui para uma relação de compromisso com os trabalhadores rurais. Diferente de Servat, filho de um funcionário público, e Xavier, filho de um militar que

chegou a tenente-coronel, Jaime de Boer é filho de um pescador e Lambertus, de um sapateiro. Este seria mais um fator que, do nosso ponto de vista, contribui para uma maior aproximação com as classes trabalhadoras. Por outro lado, o fato de esses padres imigrantes não terem qualquer relação de parentesco com os grupos econômicos e políticos lhes deu maior autonomia para um trabalho junto às camadas populares.

Reconstruindo Trilhas de Memórias

O trabalho de realizar entrevistas de história de vida com padres que imigraram para o Brasil, possibilitou reconstruir práticas, impasses, conflitos vividos através desse tortuoso processo de relembração. Conhecer também alguns fragmentos dos tempos anteriores à chegada ao Brasil permitiu compreender algumas dimensões histórico-culturais em que eles foram formados. Mas, sobretudo, procurou-se construir outros referenciais documentais, pois a historiografia que estuda a resistência da Igreja ao regime militar, tem centrado primordialmente seu foco de análise nos discursos e ações de bispos ou em acontecimentos exemplares, quando envolviam padres. Nesse sentido, esta pesquisa tentou recuperar as práticas ordinárias e, portanto, quase invisíveis que normalmente não deixam vestígios escritos, mas apenas traços de memória.

As cinco histórias de vida em que centramos nossa análise foram as dos Padres Jacobus Josephus de Boer e Lambertus Bogaard, holandeses de nascimento, Joseph Comblin, belga, José Servat e Xavier Gilles de Maupeou d'Ableiges, franceses. Para este artigo, privilegiamos uma passagem da história de vida de Dom Xavier – enquanto este ainda não tinha sido ordenado bispo –, para analisar a complexidade e a amplitude que o trabalho missionário junto às camadas populares alcança.

Relata padre Xavier que, após ter chegado a São Luís, por volta de 1963/1964, foi realizar uma desobriga^{iv} na cidade de Santo Amaro, interior do Maranhão. Estava há três semanas em viagens por diversas comunidades em que se andava muito a pé e a cavalo. Após algum tempo nesse trabalho missionário, a experiência acumulada e muitas reflexões levaram-no a introduzir mudanças na “metodologia de evangelização das comunidades”. A missa passava a ser em português e, após a celebração, eram realizadas reuniões em que se discutia o evangelho. Nas avaliações, ao final, todos eram unânimes em aprovar essa prática. Dessa maneira, o grupo passava adquirir autonomia e era introduzido o culto sem o padre, já que este não podia ser uma presença constante. Xavier reconstrói em seu relato o diálogo que então se estabelecia para romper com as resistências: - “Ah, a gente não sabe ...” – “Sabe, sim...Vamos fazer o seguinte: vamos fundar um conselho de comunidade. E, ao mesmo

tempo, vamos começar cantando nossos cânticos.” – “Passávamos uma, duas, três horas ensaiando várias vezes. Depois pegava um trecho do evangelho e mandava ler: - “Leia”. – “Nessa hora era uma luta encontrar alguém que soubesse ler. Aí começavam. Eu dizia: - “Ler desse jeito, não dá, vamos reler...” Dez vezes a mesma pessoa. Depois perguntava: - “O que você está entendendo?” A pessoa dizia: “Ah, não, nada.”- “Mas como você não está entendendo nada? Relia.” Pelo cansaço, a pessoa acabava dizendo: - “ Bom, entendi que Jesus desceu da montanha.” Então o outro tomava e dizia: - “ Ele também disse que a gente devia amar uns aos outros.” – “Muitas vezes surgiam comentários que não tinham nada a ver com o evangelho, mas o importante era que o povo tinha falado. Era um processo lento e demorado. No final, dizíamos ao povo: “Vamos chamar essa reunião de culto, porque não tem missa. No próximo domingo vocês vão fazer sozinhos, do jeito que fizemos hoje, Quando for na quinta vez, vocês se reúnem e preparam o culto do domingo. Deu para entender?” – “Deu.” – “Esse processo demorou muito, mas era apaixonante. Nós tínhamos amizade com o povo.” (Entrevista citada)

Essa descrição revela uma prática de múltiplos significados. Aponta para um fazer pedagógico, de um exercitar junto aos atores sociais que, apesar de adultos, não tiveram, em grande parte, a escola para lhes ensinar os rudimentos da alfabetização. E o padre, partindo das condições apresentadas pelo grupo, trabalha lenta e pacientemente para que aprendam a caminhar com suas próprias forças. Um alfabetizar associado ao aprendizado da cidadania que se constrói pela descoberta da fala na leitura e discussão do evangelho. Através deste, o pensar e a reflexão vão sendo exercitados e, na troca, amplia-se o universo de compreensão, de formas de ser e, por extensão, de ação. É nessa perspectiva que, um dia, Xavier será surpreendido por um comportamento desse grupo, que não podia deixar de associar a esse caminhar juntos que vinham realizando.

“Poucos meses depois dessa desobriga, teve início o problema da terra nessa comunidade. O “proprietário” entre aspas, pois não são proprietários, mas ladrões, porque nesse tempo já roubavam as terras, foi falar com o delegado e pedir providências para expulsar dois moradores das suas terras. Como era costume, o delegado enviou um bilhetinho aos moradores, dizendo: “Venham falar comigo na delegacia”. – “ Nessas situações, normalmente o trabalhador vinha, e o delegado comunicava que tinha duas horas para sair da terra. Mas dessa vez foi diferente. Eles receberam bilhete do delegado e o leram como liam a bíblia. Leram, discutiram e decidiram que não iriam apenas os dois, mas toda a comunidade. Vestiram-se e vieram todos com os sapatos nas mãos. Na hora marcada, estavam em frente da casa paroquial, pois a delegacia era vizinha. Eu não estava sabendo de nada. Quando vi esse

povo todo, fui saber do que se tratava. Eles então me explicaram. Eu pensei: - “Nossa Senhora de Fátima, vai começar a confusão.” Nós nunca tínhamos, em nossas reuniões, tratado explicitamente de assunto de terra, mas de toda a vida.

Teve, então, início dentro da delegacia a reunião com o delegado. Ele exigiu a presença apenas dos dois. Que o restante esperasse na rua. Houve um diálogo fantástico com o delegado: “ - Vocês vão sair da terra”. Eles, então, interrogaram: “- Mas, senhor delegado, com todo o respeito, por quê?” Era a primeira vez na história do município de Urbano Santos que um lavrador dialogava com uma autoridade e não apenas ouvia calado e respondia ‘sim senhor’. Poderia dizer que essa é uma caminhada própria do processo de formação de uma Comunidade Eclesial de Base.” (Entrevista citada)

Esse breve relato descritivo de memória traz à tona uma prática que é social. Outros padres, em diversas partes do Brasil, principalmente a partir do Concílio Vaticano II, vinham, a sua maneira, reformulando o fazer eclesial. Nas histórias de vida de Jaime, Lambertus, Servat, experiências semelhantes são relatadas. O evangelho se transforma em material para reflexão, mobilização e mudança no comportamento social dessas pessoas e grupos.

Reaprendem através do evangelho o direito e o poder da fala. A reflexão bíblica desenvolve a capacidade de argumentação e o apoio do Padre, lhes dá o suporte para iniciarem a caminhada de construção da cidadania.

Referências Bibliográfica

ALVES, Márcio Moreira. O Cristo do Povo. Rio de Janeiro. Editora Sabiá, 1968.

ANDERSON, Jon Lee. Che Guevara – Uma biografia. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 1997.

AZEVEDO, Fernando. Ligas Camponesas e Consciência de Classe. Dissertação de Mestrado. Pimes/UFPE. 1978.

BLACK, Jan Knippers. United States Penetration of Brazil. USA. Universtiy Pennsylvania Press, 1977.

BRUNEAU, Thomas. The Political Transformation of the Brazilian Catholic Church. Gran Britain. Cambridge University Press. 1974 .

CASTRO, Josué. Geografia da Fome. O Dilema Brasileiro: Pão ou Aço. 10^a Edição Revista. Rio de Janeiro. Edições Antares, 1987.

HOBSBAWM, Erick J. A Era dos Extremos. O breve século XX – 1914 -1991. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

IOKOI, Zilda Gricoli. Igreja e Camponeses. Teologia da Libertação e Movimentos Sociais no Campo. Brasil e Peru. 1964-1986. São Paulo. Hucitec, 1996.

- LUKACS, John. A New History of the Cold War. New York. Anchor Books. 1966.
- LESSA, Sônia Sampaio Navarro Lessa. O Movimento Sindical Rural em Pernambuco: 1958-1968. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Recife. UFPE, 1985.
- LEVISNISON, Jerome and Onís, Juan de. The Alliance That Lost Its Way: A Critical Report on the Alliance for Progress. Chicago. Quadrangle Books, 1970.
- MARCHETTI, Victor and John D. Marks. The CIA and the Cult of Intelligence. Alfred A Knopf. New York, 1974.
- MARIA, Júlio, pe. O Catolicismo no Brasil. Memória Histórica. Rio de Janeiro, Agir, 2^a ed. , 1950.
- PAGE, Joseph. The Revolution that never was: Northeast Brazil. (1955-1964). New York. Grossn Publishers, 1972.
- ROBOCK, Stefan H. Brazil's Developing Northeast. A Study of Regional Planing and Foreign Aid. The Brookings Institution. Washington. D.C. Pag. 140. 1963.
- ROETT, Riordan. The Politics of Foreign Aid in Brazilian Northeast. USA. Vanderbilt University Press, 1972.
- ROGERS, D. William. The Twillight Struggle: The Alliance for Progress and the Politics of Development in Latin America. Random House. New York, 1967.
- SCOTT, Mainwaring. Igreja Católica e Política no Brasil 1916-1985. São Paulo. Brasiliense, 1989.
- STORRS, Keith Larry. Brazil's Independent Foreign Policy, 1961 – 1964: Background, Tenets, Linkage to Domestic Politics and Aftermath. Cornell University Latin American Studies Program Dissertation Series. N. 44. Ithaca, New York. 1973.
- SELSER, Gregorio. Alianza El Progreso. La mal nacida. Ediciones Iguazú. Buenos Aires.1964.
- SIEKMAN, Philip. When Executives Turnec Revolutionaries in Fortune, September, 1964.
- VIRILIO, Paul e Sylvere Lotringer. Guerra Pura. A militarização do cotidiano. São Paulo. Editora Brasiliense, 1984.

ⁱ **Notas**

□ Coleção Célia Maria Corrêa – Direito e Capesinato. Volumes 1 a 5. Maristela de Paula Andrade e (org.) – São Luís: Mestrado em Políticas Públicas, 1997. Esta coleção resultou de um trabalho de entrevistas com viúvas de trabalhadores rurais assassinados no Maranhão. Através desse trabalho de documentação foi também desenvolvido um trabalho junto a estas viúvas no sentido de organizá-las na luta pelos seus direitos e na resistência contra grileiros e todos que continuam tentando expulsar as famílias de trabalhadores das suas terras.

-
- ii ROETT, op. cit. págs. 14/15. Afirma este autor: “ The thesis of this book is that economic aid of the United States countereacted Brazil’s modernization efforts for the Northeast and contributed to the retention of power by the traditional oligarchy of special interests”.
- iii Em nossa pesquisa *Guerreiros do Além Mar* acerca de padres que imgraram para o Brasil nas décadas de 1950/60, privilegiamos estudar os que foram trabalhar junto as comunidades rurais.
- iv As desobrigas (hoje quase em desuso) eram as visitas que os missionários faziam, em princípio, a cada ano, aos locais mais remotos do sertão, levando os sacramentos às populações que não dispunham de assistência religiosa regular, devido ao próprio isolamento em que viviam ou à ausência de padre na região. O nome “desobriga” refere-se ao antigo preceito da Igreja de que o católico é obrigado, ao menos uma vez por ano, a confessar-se e comungar. Nas desobrigas, além de celebrar missa, o padre fazia confissões, batizados e casamentos em grande quantidade. In *Descalço sobre a terra VERMELHA*. Francesc Escribano. Campinas Editora da Unicamp, 2001. Pág. 18.